

**MAX  
MORENO**

O SILÊNCIO DO VENTO

© 2018 Max Moreno.

Todos os direitos reservados

O SILÊNCIO DO VENTO

QUANDO A NOTÍCIA DO ACIDENTE CHEGOU ao IML de Santa Mônica, Flávio abriu um sorriso emblemático. Pensou logo em André, seu amigo e parceiro de longa data no recolhimento de corpos de pessoas mortas em acidentes nas rodovias e estradas da região. Quem visse os rapazes cumprindo (sempre juntos) os turnos no Instituto Médico Legal da cidade, podia pensar que a amizade entre os dois surgira no cumprimento fúnebre da profissão (afinal ser uma espécie de *coletor de mortos*, não é o que se pode chamar de a profissão dos sonhos da maioria das pessoas). Mas com o tempo se acostuma. E agora eles pareciam bem. Flávio e André se conheceram ainda garotos. Na infância, os amigos moraram no mesmo bairro; jogaram futebol juntos; compartilharam travessuras; atravessaram o Ensino Médio no mesmo colégio; confidenciaram suas primeiras experiências sexuais com garotas na faculdade, até optarem pelo mesmo curso e virem parar neste depósito de corpos em Santa Mônica (um vilarejo esquecido bem pra lá do cu do mundo).

A informação inicial dava conta de que as vítimas, dessa vez, era uma senhora — de uns sessenta e tantos anos — e uma moça com idade entre vinte e vinte e cinco anos. Esse era o tipo de informação que variava com bastante frequência, e o mais triste era quando a notícia envolvia crianças. Não é fácil ver gente pequena e indefesa pagando pela irresponsabilidade de alguns adultos.

Flávio prendeu o cinto de segurança, gesticulou com a cabeça para que o amigo fizesse o mesmo e deu a partida no veículo. Com sorte chegariam ao local do acidente antes das três da tarde. E com um pouco mais de sorte, encontrariam a cena sem muitos curiosos, o que, de modo geral atrapalhava pra cacete o trabalho da dupla.

Já na estrada, Flávio tinha no rosto uma expressão meio mórbida, algo que parecia... *aquilo era satisfação?* Mantinha as duas mãos firmes ao volante, os olhos azuis vidrados na estrada, as pupilas dilatadas, um sorriso malicioso congelado no canto da boca e o pé pressionando o pedal do acelerador. André parecia tranquilo e lançava olhares através da janela do *rabecão*, observando a paisagem rural que se estendia até aonde a vista alcançava. Aquilo parecia um gigantesco tapete ondulado composto por cinco tons de verde, pelo menos.

— Isso é muita *doideira!* — disse André, sem chegar a dirigir o olhar ao amigo e parceiro de profissão.

— A vida é assim mesmo, *cara*, relaxa! — Flávio mantinha um tom de voz amistoso, e a mesma expressão de satisfação ainda estava instalada em seu rosto. — Azar de uns, sorte de outros.

\*\*\*

Não teve jeito, os malditos curiosos já se multiplicavam feito ratos num porão abandonado. Apesar de todo o vai-e-vem de especulações e o procedimento padrão junto à Polícia Rodoviária, o resgate dos corpos acabou sendo até mais rápido do que a dupla de amigos esperava. Quando Flávio e André chegaram ao local, os paramédicos já haviam retirado das ferragens – ou do que restou de um Toyota Corolla Xei2015 –, os corpos, que agora jaziam sob um plástico preto na lateral de uma das pistas. O corpo da idosa sofrera alguma avaria na altura da bacia; já o cadáver da moça – exceto por uma fratura exposta no braço direito – estava intacto. O veículo em que elas trafegavam foi “tirado” da estrada e capotou várias vezes antes de ser arremessado contra a vegetação rasteira na beira da estrada. Um dos policiais que atenderam a ocorrência, talvez por estar acostumado àquele tipo de situação, demonstrava a mesma emoção de um operário na linha de produção de uma indústria, ao explicar que um caminhoneiro (desses metidos a terroristas) exagerou na dose ao encostar na traseira do carro onde as mulheres estavam.

– Esses caras são uns cretinos que não ligam para ninguém – disse ele, encerrando a conversa com uma moça com cara de boneca japonesa, que segurava o microfone (onde havia o emblema da TV local) em uma das mãos.

\*\*\*

Algum tempo mais tarde, não mais do que quinze ou vinte minutos, o vento voltava a invadir as janelas do carro fúnebre, tocando os rostos dos jovens com a mesma cortesia de velhos conhecidos. Já estavam na estrada de volta à Santa Mônica. Rodaram por mais seis ou sete minutos antes de Flávio diminuir a marcha e deslizar o veículo até o acostamento da pista. Os dois homens trocaram um olhar em silêncio. À direita de onde o veículo estava estacionado, erguia-se uma plantação de milho, costurada por várias estradinhas de terra, tortuosas. Era difícil calcular, mas aquele milharal se estendia por muitos e muitos quilômetros.

*Como sempre, pensou Flávio, o lugar perfeito.*

Deu um breve suspiro e conduziu o veículo para uma das estradinhas poeirentas, depois estacionou na diagonal, mutilando um pequeno trecho da

plantação, de modo que o *rabecão* ficou parcialmente encoberto pelo rio de tendões dançantes.

– Hora de suar, irmão! – disse Flávio, abrindo a porta do veículo.

O amigo permaneceu no banco do carona. Ainda mantinha o cinto de segurança travado e o olhar fixo num ponto imaginário, pensativo.

– *Qual foi, André?*

– Isso não tá certo, *cara!*

Flávio desceu do veículo e já estava caminhando até a parte de trás do *rabecão*, quando mudou de ideia. Retornou e encarou o amigo.

– O que é que *tá* pegando, *cara?* Anda, desce logo daí.

– Essa *merda* toda, Flávio – elechacoalhava a cabeça –, isso não está certo!

– Relaxa, *cara*, os mortos não falam.

– É muita sacanagem – disse André, o cinto de segurança ainda preso ao tórax e tronco –, não quero mais continuar com essa *parada!*

– Deixa de besteira e me ajuda aqui com a *gostosa*.

Contrariado, André ainda resmungou alguma coisa antes de descer do carro e ir ao encontro de Flávio, que agora já se preparava para puxar a gaveta com o corpo da moça.

Beirava às três da tarde, e algumas nuvens carregadas se revezavam na difícil tarefa de inibir os raios do sol. Grandes manchas escuras se projetavam em vários pontos da plantação, o que dava a sensação (enganosa) de que a temperatura estivesse um pouco mais amena. O vento, agora soprava em silêncio, como um cúmplice omissivo.

Com a habilidade adquirida ao longo dos anos, os dois rapazes não encontraram nenhuma dificuldade em carregar a gaveta com o corpo da moça até uma das fileiras (de milho) um pouco mais distante do carro.

– E aí, irmão, vai querer “*pegar*” a velha? – perguntou Flávio, piscando um olho para o amigo.

– *Vá se foder!*

– Calma, *cara*... só estou te zoando.

O amigo deu de ombros.

Caminhando meio que de costas, André se afastou do corpoda garota, enquanto Flávio começava a despi-la. Fazia isso com a mesma naturalidade de quem toma um sorvete numa tarde quente de verão. Era meio assustador. O brilho estranho que crescia em seus olhos denunciava: *o cara estava curtindo o ritual macabro.*

– Até que ela tem uns *peitinhos* lindos – disse André, à distância, dando adeus ao discurso cheio de pudor que ensaiara inicialmente.

– Tá fazendo o que ainda aí – disse Flávio, com a atenção mais voltada para o corpo da moça, do que para a direção onde o amigo estava – , *vaza logo, cara*. – Volta *pro* carro e vê se fica de olho, *mané*.

André obedeceu e mergulhou no milharal de volta ao *rabecão*, enquanto Flávio terminava de despir a falecida. Feito isso, ele arriou as próprias calças e se debruçou sobre ela, ofegante como um *animal no cio*.

Menos de dez minutos depois, ele voltou para o veículo. Aquela velha expressão nojenta de satisfação estava ainda mais evidente em seu rosto. Ele fez um sinal com a cabeça, indicando que agora era a vez do amigo.

André conseguiu ser ainda mais rápido, e três minutos depois já havia inundado os seios da morta com seu esperma pegajoso.

\*\*\*

De volta ao IML da cidade, a vida sugeria uma normalidade contraditória e nenhum dos dois rapazes voltou a tocar no assunto. *A convivência com a morte, às vezes, faz isso com a gente*, André tentava se convencer. Mas a verdade era que admitir algum tipo de distúrbio comportamental implicava em ter de encarar um problema que resultaria em sérias consequências morais e religiosas. Aquela já era a décima primeira vez em que os dois amigos se entregavam aos *prazeres dos mortos*. Contudo, embora não tivesse o menor controle sobre o seu lado pervertido, André via na *necrofilia* um pecado mortal e sabia que já tinha ido longe demais. *Tenho que parar com essa porra toda*, relutava. O peso na consciência começava a ficar insuportável. Por isso, quando o primeiro fim de semana após o episódio chegou, o rapaz viu na confissão com o padre Germano, alguma possibilidade de redenção com o *Pai Celestial*. André estava longe de ser uma pessoa religiosa, mas acreditava que tal atitude pudesse de alguma forma, abrir um canal de “negociação” com o Criador. *Já é alguma coisa!*

No confessionário, André levou quase três minutos ensaiando como começaria a conversa com o *representante de Deus* e, na falta de uma frase mais criativa, decidiu usar o mesmo clichê idiota que todos os *desgraçados* sempre usam:

– Padre, me perdoe porque eu pequei.

Padre Germano fez seu comentário inicial (de praxe) e ouviu – sem interrupções – toda a história do jovem pecador. Em seguida entregou-se a um silêncio perturbador.

– Padre?...O sr. ainda está aí?

– Sim, estou aqui, meu filho.

O silêncio consumiu mais alguns segundos, e então um soluço abafado pareceu ter vindo do lado do confessionário onde o eclesiástico se encontrava.

– O que devo fazer, padre?... Não aguento mais essa culpa.

– Quero que medite por um instante, filho. Busque a resposta dentro do seu coração.

Em outras circunstâncias, André teria dito que nunca tinha ouvido tamanha idiotice, mas agora a coisa era diferente, ele estava ali por vontade própria e queria mesmo se livrar daquele maldito fardo. Além do mais, não custava nada tentar. Então se arrumou no banquinho de madeira almofadado, fechou os olhos e respirou fundo, na esperança de que o seu coração lhe dissesse algo que ele ainda não soubesse, tipo, a *porra* da resposta que o padre Germano acabara de mencionar. Acontece que o rapaz passou tanto tempo mergulhado em questionamentos teológicos e filosóficos, que quando deu por si, quase dez minutos já haviam se passado.

– Padre, o senhor pode me perdoar?

André não ouviu nada além da própria voz. O silêncio continuava lá, absoluto.

– Padre Germano? – ele fez uma nova tentativa.

– Creio que isso não seja uma tarefa muito fácil.

O som veio de algum ponto atrás das costas de André, e aquela não era a voz do padre Germano.

Ao girar o corpo, o rapaz se deparou com dois homens altos e fortes, metidos em uniformes da Polícia Militar, que – sem nenhuma cerimônia – o algemaram imediatamente.

– Padre – perguntou André, os olhos arregalados –, que *merda* é essa?... Essa *porcaria* de confissão não era para ser sigilosa?

Padre Germano se aproximou de André, e as lágrimas partiram dos seus olhos em direção às bochechas rosadas. Seus dedinhos roliços tremiam, sua respiração parecia sólida e sua voz ficou embargada. Descendente de uma das últimas famílias alemãs a virem para o Brasil por volta de 1960, o então garotinho Germano Kügelgen já nasceu em terras brasileiras (na cidade de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul) e, justamente por isso, recebeu o nome de Germano, numa espécie de homenagem à pátria-mãe dos pais e dos avós. A opção pela vida no clero veio ainda na adolescência e, desde então, por uma exigência da arquidiocese, ele passara a viajar de cidade em cidade servindo todas as comunidades para as quais era designado. Estava em Santa Mônica havia pouco mais de três anos.

– Sim, meu filho, a confissão é um ato sigiloso, mas – ele enxugou os olhos, com um lenço todo enrugado –, desde que você não tenha perdido uma irmã e uma sobrinha num trágico acidente de carro, e tenha passado pelo constrangimento e a dor ter tido os corpos de seus entes queridos profanados por um cretino como você.

– Mas, padre!

– *Vá pro inferno, meu filho!*

O tom irônico adotado pelo padre chamou a atenção dos policiais, que trocaram um olhar de aprovação no momento em que conduziam o rapaz a 16ª Delegacia de Polícia.

\*\*\*

Na cadeia municipal, André não viu outra opção a não ser entregar o amigo. Foi num julgamento sob olhares revoltosos que ambos foram apresentados ao termo “vilipêndio a cadáver”. E foi nesse mesmo dia que eles compreenderam que, de acordo com o *Artigo 212 do Código Penal Brasileiro*, a pena para esse tipo de crime pode chegar a até três anos de detenção. O juiz que julgou o caso estava de acordo com o júri popular e não hesitou em sentenciar a dupla ao cumprimento dos três anos de reclusão em regime fechado.

Mas a verdade é que eles acabaram saindo de lá antes do aniversário de quatro meses de encarceramento. O noticiário local dizia que os dois jovens haviam sido executados por seus companheiros de cela. Mas o mais perturbador foram os boatos que correram depois da morte dos rapazes. Um desses boatos dizia que após serem assassinados, os dois rapazes tiveram seus corpos profanados por meiadúzia de detentos que ocupavam o mesmo pavilhão que eles.

De acordo com a polícia, todos os acusados negaram o fato.